INFÂNCIAS E JUVENTUDES: MODOS OUTROS DE *SERESTAR* NO MUNDO

Danusa Tederiche – PPGedu – UERJ/FFP

Roberta Dias – PPGedu – UERJ/FFP

Jane Marchon – ALMEFRE – UERJ/FFP

**Resumo**: O presente texto tem como objetivo apontar modos outros de *serestar* no mundo a partir de dois movimentos instituintes nos cotidianos de *vidaformação* trazidos nas narrativas de *professoraspesquisadoras* que compartilham suas experiências em cotidianos escolares e não escolares para pensar a formação, a educação, a vida. A primeira narrativa busca fomentar uma reflexão acerca da inclusão da pessoa com deficiência após o processo de escolarização, quando em sua juventude passa a inserir-se no mercado de trabalho. A segunda narrativa traz uma reflexão para pensar as infâncias nos pós pandemia e suas formas outras de vivenciar o cotidiano escolar apontando caminhos possíveis para a educação das infâncias.

**Palavras-chave**: Infâncias, juventudes, narrativas, cotidianos.

**O mundo**

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. (Eduardo Galeano)

Iniciar esse texto trazendo Galeano, nos ajuda a contar histórias que ganham em seus capítulos narrativas do cotidiano que no entrelaçar das palavras traz experiências de *vidaformação*. Elas serão compartilhadas em diferentes *temposespaços* a fim de, nesse entrelaçar das histórias, encontrar modos outros de compartilhar cada *saberfazer* docente percebendo estes como caminhos possíveis nas práticas educativas.

Se somos um mar de fogueirinhas no mundo, como diz Galeano, as experiências aqui compartilhadas se propõem a dar a ver esse mundo que torna a passar pelo coração cada experiência vivida, que nos ajuda a reconhecer a diversidade, trazido na metáfora dos foguinhos como forma de reforçar a importância de cada sujeito em sua plenitude e complexidade. Percebemos o cotidiano da educação como um mundo composto por um mar de fogueirinhas que aposta na diversidade humana e acredita no potencial de cada sujeito entendendo que esta aposta é o caminho possível para uma educação outra.

**Para começar, outros lugares.**

Como primeira experiência instituinte de formação - aqui tomamos como base os estudos em Linhares (2007) entendendo que as experiências instituintes traz questões que nos provocam a olhar para os cotidianos escolares e com elas também pensar a formação docente, seja inicial e/ou permanente - trazemos para o presente uma ação que se dá fora do cotidiano escolar. A primeira pergunta que fica para pensarmos o que se pretende narrar nas próximas linhas é:

Depois da Educação Básica, como fica a inclusão da pessoa com deficiência?

As pessoas com deficiência são sujeitos que estão no mundo e precisam ter garantido seus direitos à cidadania. Como diz o decreto federal nº 186/2008 que aprova a convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: “Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência” (BRASIL, art 4., 2008).

Pensando no campo da educação, embora haja alguns avanços nas políticas públicas de inclusão, tais movimentos ainda estão muito aquém do que apresenta a realidade social brasileira. Diante disso, pensando em ampliar o atendimento educacional especializado nas escolas públicas municipais, a Fundação Vale inicia um projeto chamado “Educação Inclusiva” executado pela Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, no qual teve sua primeira edição em 2017 com objetivo de ofertar formação continuada para profissionais que atuam junto a estudantes com deficiência e de implementar ou suplementar salas de recursos multifuncionais em diversos municípios e estados brasileiros como por exemplo Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de janeiro, tendo sua última edição em Congonhas – MG em 2021.

A AIC é uma organização do terceiro setor (OSC) que promove diversas ações de mobilização social e formação e é nesse espaço não escolar que se dá o primeiro movimento instituinte de formação aqui narrado.

**Meu chão da escola... da inclusão escolar para o mundo do trabalho**

Chego na AIC para compor parte da equipe junto com Luísa Camargos, uma jovem com Síndrome de Down. Dentre uma das atribuições esperadas de mim estava a produção de um *ebook* no qual contaria com a Luísa para produção do mesmo. E esse foi um grande desafio que me atravessava naquele momento. Assumir uma prática na qual se pautava a proposta do projeto - INCLUSÃO.

Tecer uma escrita em parceria da Luísa na produção desse *ebook* trazia para mim algumasinquietações: como efetivar a participação de uma pessoa com SD, de forma que a produção tivesse a sua marca? Que metodologias e estratégias eu poderia usar para que isso fosse possível?

Como primeiro movimento - pois além de ainda estarmos nos conhecendo, tivemos o desafio de construir esse laço de confiança, respeito e trabalho de forma virtual – propus a Luísa a leitura de pequenos textos, e que após isso ela respondesse algumas perguntas. Um segundo movimento foi marcar encontros para com ela tecer conversas e assim perceber e registrar suas falas, expressões, pensamentos e ideias. A atividade gerava os textos para o *ebook* e era, para mim, uma oportunidade de conhecer, a partir da própria narrativa dela, a história de vida da Lu. Esse projeto me permitiu dar os primeiros passos para trilhar uma nova caminhada, passos esses que só foram possíveis porque a caminhada nunca foi solo, sempre foi acompanhada da própria Luísa, que me guiava por todo o tempo, e de toda a equipe da AIC.

Estar na AIC, compor parte da equipe de colaboradores, participar dos diferentes e desafiadores projetos e sobretudo construir uma metodologia de trabalho com a Luísa tem sido oportunidades ímpares para mim, pois todos os dias posso me (trans)formar quanto professora, educadora, quanto profissional mesmo atuando em espaços não escolares, pois a educação está no mundo e nas relações que se constroem com o mundo. Por isso, posso afirmar que as relações construídas na AIC têm tornado a minha caminhada mais significativa e feliz e, sem medo de errar, eu posso afirmar que Luísa e as experiências vividas na AIC têm sido o meu chão da escola, com ela e nessa instituição que transpira cidadania aprendo cotidianamente sobre inclusão, sobre mobilização social, sobre humanidade, sobre a vida! (FARIA, no prelo).

A experiência vivida por Danusa, uma das autoras traz a luz a reflexão acerca da pergunta: Como fica a inclusão das pessoas com deficiência para além da Educação Básica? Quando convidada a atuar em espaço não escolar e a trabalhar com uma colega com síndrome de Down, ela se vê diante do despreparo em realizar um trabalho efetivamente inclusivo. Era preciso produzir um material escrito juntas, mas naquele lugar o seu papel não era o de uma formadora como na proposta do projeto “Educação Inclusiva” junto as escolas, tampouco seu papel era de uma AEE. Não se tratava de um espaço escolar e muito menos Luísa estava no papel de aluna. Como colegas de trabalho precisavam encontrar juntas o modo de fazer.

Retomando a discussão com Linhares são nas relações instituintes que encontramos “formas de aprender e ensinar, com curiosidade e empatia em relação à vida e com um sentimento de solidariedade aberto às includências (2007)”. Se nas escolas públicas, “as experiências instituintes procuram diferir em movimentos criadores e estremecer o que foi organizado pela história” (*idem*),nela não encontramos o que fora organizado para uma inclusão no ambiente não escolar. Também não é isso que estamos procurando. O que esperamos é estremecer também nesses espaços outros um movimento criador de promoção da inclusão para além do cumprimento de políticas de cotas trabalhistas. Um movimento que fomente a inclusão da pessoa com deficiência depois da Educação Básica, uma inclusão de formação para vida.

Com essa mesma curiosidade e empatia com relação a vida, buscamos caminhos para a realização do trabalho cotidiano. Nos encontros, nas conversas, nas trocas, nas vivências. Numa relação de trabalho, mas, sobretudo numa relação de vida, foi possível construir os *saberesfazeres* no cotidiano profissional, fomentando o protagonismo da ação, com aposta na autonomia para promoção da inclusão.

**Afetividade e infâncias, caminhos para uma educação respeitosa**

A segunda narrativa dialoga com a experiência de *vidaformação* de duas professoras da Educação Infantil, que ao retornar do momento pandêmico em 2022, se vêem com um grupo de crianças de três anos com uma convivência social interrompida desde o seu nascimento, e um primeiro contato com a escola ainda com muitas restrições, traziam na agressividade e desorganização corporal as marcas de um tempo vivido.

Esse grupo apesar de desafiador, e em muitos momentos exaustivo, pois era necessário um reinventar-se cotidiano, um olhar outro para a escola e para o fazer docente, mostrou para as duas professoras que já não cabe mais a educação para as infâncias que não aponte caminhos para o protagonismo infantil, a afetividade e a amorosidade. As crianças demonstram com o corpo, falas e gestos a necessidade de explorar o mundo. A escola nem sempre oferece essa possibilidade, principalmente em espaços periféricos das cidades.

Segundo Bragança (2014) as biografias educativas nos mostram os caminhos percorridos na docência, e com eles aprendemos sobre o que somos, o que fazemos, o que pensamos. Dessa forma a escrita de narrativas biográficas educativas durante o ano de 2022, foi dando pistas as professoras de como a trajetória com as crianças havia sido difícil, mas o quanto, juntas, crianças e professoras haviam aprendido outras formas de *serestar* nesse espaço coletivo.

Os movimentos que surgem nos cotidianos deram contornos sobre o fazer docente, a escuta atenta e o olhar mais devagar narrado por Larossa, auxiliaram os processos que fizeram com que nos anos seguintes 2023/2024, esse mesmo grupo de crianças, que muito pouco alterou-se do primeiro ano, com suas professoras conseguissem encontrar caminhos de diálogo e de aprendizado, que auxiliaram também na constituição de seus corpos, no entendimento de fazerem parte de um coletivo e de dialogarem para conviver.

Os projetos desse grupo encontraram na natureza o primeiro caminho, a partir da leitura de contos indígenas e africanos, as experiências de cultivo de diferentes plantas, cuidado e observação desses elementos da natureza, que foram constituindo um modo outro de *serestar* naquele espaço reduzido e acimentado, trazendo possibilidades de ver e estar para além das paredes. Os dias eram movidos de diálogos constantes, para juntos pensarmos formas possíveis de estar naquele espaço, respeitando os corpos, os espaços, de modos a atender os desejos e as necessidades de cada uma, entendendo o que era possível ou não enquanto grupo.

No ano de 2024, esse grupo de crianças, agora com cinco anos, junto as suas professoras, pensam um caminho desde o organizar da sala, dos brinquedos, do que ficaria exposto, como organizar a rotina, para além do instituído, construindo em coletivo, entendendo que as crianças são sujeitos do espaço que habitam. Uma proposta a partir dos sentimentos, que surge através de desenhos e desejos por corações em vários espaços, traz possibilidades de pensar esse corpo que sente, que se movimenta, que explora, que ora se irrita e ora se aquieta, que chora e sofre. Envolvendo músicas, o sentir, as brincadeiras, a arte, um projeto surge para explorar o protagonismo das escolhas das crianças e o que seus corpos anseiam.

**Para seguirmos dialogando**

As narrativas de experiência de *vidaformação*, nos dão pistas do fazer docente em diferentes espaços formativos. Pensar a educação que envolva outras formas de *serestar* nos espaços, repensando uma educação que vem se constituindo e multiplicando do mesmo modo desde em que foi sistematizada em espaços institucionais, tem se tornado urgente. As diferentes fogueirinhas que brilham e existem em suas singularidades, precisam de um espaço que abarque suas diferenças, suas singularidades, suas potencialidades, sendo espaço de mais e de muitas.

**Referências**

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.**Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr.  2002.

Linhares, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v.6, n. 3, p.39-60, maio-ago. 2007.